



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

A RELAÇÃO ENTRE A QUALIDADE DA
VINCULAÇÃO AOS PAIS, AUTO-ESTIMA,
AUTO-CONCEITO EM PRÉ-ADOLESCENTES

Ana Rita Gomes Bigas

Orientador de dissertação:
PROFESSORA DOUTORA MANUELA VERÍSSIMO

Coordenador de Seminário de Dissertação:
PROFESSORA DOUTORA MANUELA VERÍSSIMO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Clínica

2016

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Doutora Manuela Veríssimo, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

À Professora Manuela Veríssimo, pelos amplos conhecimentos que transmitiu, ao longo deste ano, pela sua ajuda, apoio e sobretudo pela compreensão em todos os momentos na realização deste trabalho de investigação.

À equipa de Investigação em Psicologia do Desenvolvimento, da UIPCDE – ISPA e do William James Center for Research, pelo apoio, ajuda e pelos vários contributos na realização deste projecto.

Às crianças e famílias que permitiram a realização deste estudo. Aos professores, auxiliares e todo os funcionários da escola, por nos receberem e apoiarem neste projecto.

Aos meus pais, pela constante preocupação, por acreditarem em mim, pelo carinho e apoio incondicional, pelo incentivo que me foram dando ao longo destes meses, foram 5 anos com muitos sacrifícios pelo meio e a eles devo a conclusão do meu curso.

Ao meu namorado, por acreditar em mim, pela compreensão, apoio, carinho e paciência, ao longo deste percurso, sem ele, não teria sido possível manter a boa disposição e a motivação necessária para a conclusão deste trabalho.

À minha amiga Mariana Martins, por todo o apoio, compreensão, carinho e grande amizade, ao longo de todos os momentos desta investigação.

À minha grande amiga Catarina Martins que fez-me acreditar que tudo é possível, esteve sempre presente em todos os momentos, mas sobretudo, pelo apoio, carinho e amizade, ao longo deste percurso.

Às minhas colegas de curso Ana Paulino, Marta Monteiro, Esmeralda Boeira e Vanessa Diogo por terem feito parte deste percurso e por todo o apoio e amizade.

RESUMO

A Teoria da Vinculação sugere que as representações que as crianças têm acerca da relação com as suas figuras de vinculação estão intimamente relacionadas com as suas representações do seu próprio *self*. Algumas investigações têm mostrado a existência de uma relação positiva entre a representação de vinculação e da auto-estima no pré-escolar, no entanto poucos são os estudos que têm explorado a qualidade de vinculação e a construção da auto-estima e auto-conceito no período da pré-adolescência.

O presente estudo teve como objectivo avaliar a qualidade de vinculação ao pai e à mãe e a sua influência na auto-estima e auto-conceito de crianças no período da pré-adolescência. Para a concretização do estudo foi utilizada uma metodologia quantitativa correlacional com a participação de 175 crianças de idades entre os 10 e 13 anos, os dados foram recolhidos através dos seguintes instrumentos: Escala de auto-conceito para pré-adolescentes e Escala de Segurança.

Os resultados apontam para a existência de uma relação significativa entre a qualidade da vinculação à mãe e ao pai e a auto-estima das crianças. Verificou-se as crianças apresentam médias superiores tanto no suporte de base segura como no suporte de porto seguro à mãe, comparativamente ao pai. No que diz respeito às dimensões do auto-conceito verificou-se a existência uma diferença significativa entre raparigas e rapazes, o que revela que as raparigas tendem a perceber-se como mais comportadas do que os rapazes.

Palavras-Chave: Qualidade de Vinculação, Auto-Estima, Pré-Adolescência

ABSTRACT

The attachment theory suggests that the representations that children have about the relationship with their attachment figures are closely related to their representations of their own self. Some investigations have shown the existence of a positive relationship between attachment representation and self-esteem in preschool, however there are few studies that have explored the quality of attachment and building self-esteem and self-concept in middle childhood.

This study aims to test the attachment quality to mother and father influence on self-esteem and self-concept of children in middle childhood.

To achieve the study we used a correlational quantitative methodology with the participation of 175 children, 10 to 13 years- old, the data was gathered through the following instruments: Perceived Competence Scale for Children and Security Scale.

The results point to the existence of a significant relationship between the attachment quality with mother and the father and self-esteem of children. It was found that children have averages above both the secure base support as safe haven support in the mother compared to the father. With regard to the dimensions of self-concept it was found that there is a significant difference between girls and boys, which shows that girls tend to perceive themselves as more behaved than boys.

Keywords: Quality of Attachment; Self-esteem; Middle childhood

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - A RELAÇÃO ENTRE A QUALIDADE DA VINCULAÇÃO AOS PAIS: AUTOESTIMA, AUTOCONCEITO EM PRÉ-ADOLESCENTE.....	4
1.1 Teoria da Vinculação.....	4
1.2 Modelos internos dinâmicos.....	7
1.3 Construção do <i>self</i> : Autoconceito e Autoestima.....	11
1.4 Pré-adolescência e vinculação.....	13
CAPÍTULO 2 – OBJECTIVOS E PERTINÊNCIA.....	16
2.1 Objetivo, Hipóteses e Pertinência.....	16
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA.....	18
3.1 Participantes.....	18
3.2 Instrumentos.....	18
3.2.1 Perceived Competence Scale for Children.....	18
3.2.2 Security Scale.....	19
3.3 Procedimento.....	20
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS.....	21
4.1. Análise dos resultados.....	21
CAPÍTULO 5 - DISCUSSÃO.....	26
REFERÊNCIAS BLIOGRÁFICAS.....	32

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Estatística descritiva e fiabilidade do do <i>Perceived Competence Scale for Children e Security Scale</i>	22
Tabela 2.Comparação entre médias de cada sub-escala da <i>Perceived Competence Scale for Children e da Security Scale</i> em função do género.....	23
Tabela 3. Análise da correlação existente entre dimensões da escala <i>Security Scale-SS</i>	24
Tabela 4. Análise da correlação existente entre dimensões da escala <i>Security Scale-SS</i> e as dimensões da <i>Perceived Competence Scale for Children-PCSC</i>	25

INTRODUÇÃO

A teoria da vinculação constitui-se como uma referência na compreensão do desenvolvimento emocional e social do sujeito, e nesse sentido a constituição de uma laço afectivo e único na infância bem como uma relação adequada e segura possibilita o desenvolvimento das crianças (Bowlby, 1969).

Durante o primeiro ano de vida, o bebé desencadeia comportamentos de vinculação que permitem a procura e a manutenção de proximidade, no entanto a maioria dos bebés com três anos respondem á sua mãe de um modo diferente comparativamente a outras pessoas. Desta forma, não podemos afirmar que existe um comportamento de vinculação, pois são necessárias provas mais evidentes de que o bebé reconhece a sua mãe como também existe uma tendência para comportar-se de forma a manter a proximidade com a sua mãe (Bowlby, 1969). Assim, a vinculação é entendida como uma ligação íntima e próxima que se estabelece desde o nascimento entre o bebé e a figura de vinculação, podendo estender-se a outras pessoas (Bowlby, 1969).

De acordo com a teoria da vinculação as experiências iniciais relevantes de vinculação com as figuras parentais são internalizadas na forma representações cognitivas afectivas, ou modelos internos que orientam pensamentos, sentimentos e comportamentos em relação aos pais, surgindo como um porto seguro e conforto em situações de *stress* (Groh, Fearon, Bakermans-Kranenburg, Van IJzendoorn, Steele, & Roisman, 2014). Assim, estes modelos representacionais podem ser úteis para a criança, não sendo necessário a construção de um conjunto de expectativas para cada nova situação (Cassidy, Kirsh, Scolton, & Parke, 1996), como também verifica-se que a criança tem a capacidade de utilizar a relação de vinculação como um modelo de funcionamento interno, servindo de base para as restantes interacções (Silva, Fernandes, Veríssimo, Shin, Vaughn, & Bost, 2008).

Estudos anteriores salientam que no período da adolescência surgem auto-descrições mais abstractas baseadas em processos psicológicos como pensamentos emoções, motivações e atitudes, sendo este tipo de auto-relato mostra-se consistente com o avanço das operações formais identificadas por Piaget, permitindo à criança construir raciocínios mais abstractos bem como o desenvolvimento da capacidade introspectiva (Harter, 1999).

Assim, o modo com as crianças se percebem e constroem a representação de si e dos outros, tem sido alvo de muitas investigações e de enorme importância para psicologia do desenvolvimento. Desta forma, segundo a teoria da vinculação a qualidade da relação que se estabelece com as figuras parentais desempenha um aspecto essencial na forma como o

sujeito se percebe a si como aos outros, na medida que a qualidade dos laços que são criados precocemente contribui para o desenvolvimento da auto-estima (Rocha, Mota & Matos, 2011).

Cassidy (1988), demonstrou, com crianças no pré-escolar a existência da relação entre a auto-estima e a vinculação mãe-criança, ou seja as crianças com modelo interno do *self* positivo apresentam maior auto-estima do que crianças com um modelo interno do *self* negativo (Verschueren, Marcoen, & Schoefs, 1996). Neste sentido, os modelos internos desenvolvidos na relação com a figura de vinculação são essenciais para a representação do *self*. É importante salientar que qualidade da relação da criança com a figura de vinculação é essencial para o desenvolvimento precoce dos modelos internos, pois é através desta qualidade do cuidado da figura de vinculação que possibilita à criança a construção das suas representações mentais (Silva et al., 2008). Deste modo, a qualidade da vinculação nos primeiros anos de vida, está dependente dos sinais externos como a disponibilidade, proximidade e responsabilidade da figura de vinculação (Silva et al., 2008).

Assim, na pré-adolescência sendo este um período marcado por grandes mudanças inerentes à representação do *self*, os pais continuam a ser figuras de referência, no entanto os pares vão ganhando uma maior importância na medida que possibilitaram o desenvolvimento do sujeito. Deste modo, a auto-estima constitui-se como um aspecto central da experiência subjectiva e da qualidade de vida dos sujeitos, sendo que o interesse neste constructo tem sido fomentado pela sugestão que a baixa auto-estima poderá causar problemas sociais e que a elevada auto-estima poderá ajudar na resolução desses problemas (Crocker & Wolfe, 2001).

Neste sentido, torna-se importante compreender como a qualidade da relação estabelecida com as figuras de vinculação está associada a construção da auto-estima do sujeito, uma vez que o período pré-escolar constitui-se como um momento marcado pela integração dos modelos internos do *self*, ou seja a capacidade do sujeito construir a representação de si e do mundo (Silva, et al., 2008), permitindo assim o seu desenvolvimento. No entanto, a pré-adolescência constitui-se como um período importante para a construção do *self* e nesse sentido será importante perceber qual o papel que as figuras de vinculação exercem sobre o seu desenvolvimento nessa fase da sua vida.

O presente trabalho pretende investigar a qualidade da relação de vinculação e a construção da auto-estima pela importância desta temática na Psicologia do Desenvolvimento. Assim, nesta área têm sido desenvolvidas algumas linhas de investigação que salientam a importância do estudo da construção da auto-estima no período da adolescência, uma vez que representa um período de transição do desenvolvimento que é relatado como uma fase de

mudanças físicas, sociais e avanços no desenvolvimento cognitivo. Neste período, os jovens adolescentes começam a construir teorias acerca de si e dos outros, sendo que existe preocupação entre o ideal e a real representação do *self* que se intensifica durante a pré-adolescência (Harter, 2012).

CAPÍTULO 1 - A RELAÇÃO ENTRE A QUALIDADE DA VINCULAÇÃO AOS PAIS, A AUTOESTIMA, AUTOCONCEITO EM PRÉ-ADOLESCENTE

1.1 Teoria da Vinculação

A Teoria da Vinculação surge como referência fundamental no desenvolvimento do sujeito, sendo que durante a infância o estabelecimento de ligações de proximidade emocional constitui a base do desenvolvimento afetivo, social e cognitivo (Maia, Ferreira, Veríssimo, Santos, & Shin, 2008).

Assim, a Teoria da Vinculação tem sido uma área de grande interesse para a investigação, sendo que na sua base integra conceitos e métodos da Etologia, Biologia e da Psicologia do Desenvolvimento como da Psicanálise (Pinto, 1982). John Bowlby com os seus estudos revolucionou o pensamento sobre os laços entre criança e mãe, formulando os princípios básicos da teoria da vinculação, como também contribui para a compreensão da ruptura desta relação através da separação, privação e do luto. Nas suas pesquisas centrou-se na separação mãe-criança, uma vez que este evento é incontestável e os efeitos na criança e na relação pais-criança é considerado como sendo mais fácil documentar do que influências parentais e a relação familiar (Bretherton, 1992).

Segundo Bowlby (1989) o estabelecimento de laços emocionais com indivíduos especiais constitui-se como um elemento básico da natureza humana, sendo que durante a primeira infância, os laços que são estabelecidos com figuras de vinculação são procurados com o intuito de protecção, conforto e suporte. Assim, a vinculação caracteriza-se por *“um laço afectivo que uma pessoa estabelece com outra e que perdura no tempo, sendo caracterizada pela tendência a procurar e a manter a proximidade física e emocional com a figura de vinculação, essencialmente perante situações stressantes”* (Bowlby 1969/91, 1973, 1980, cit. por Moura & Matos, 2008, p. 128).

Bowlby na sua concepção houve uma tentativa de atualização das noções psicanalíticas através dos dados mais recentes da etologia. Neste sentido, defende que a vinculação do bebé à mãe é constituída na sua origem por sistemas de comportamentos inerente à espécie, sendo estes independentes entre si e emergem em tempos diferentes e tornando-se organizados em relação à mãe, tendo como função a ligação mútua entre a criança e a sua mãe (Pinto, 1982).

Neste sentido, Bowlby (1984) nos seus trabalhos salienta a importância do comportamento de vinculação, na medida que é “*definido como a busca e a manutenção da proximidade de um outro indivíduo*” (p. 209). Assim, surgem cinco respostas que levam ao comportamento de vinculação como chorar, sorrir e têm como objectivo aproximar a mãe ao bebé e mantê-la junto da criança, sendo que o seguir e o agarrar, permite levar o bebé até a mãe e retê-lo junto dela. Mais tarde surge outras formas de comportamentos como de sucção e o chamar (Bowlby, 1990).

O desenvolvimento de comportamentos de vinculação constitui-se como um sistema organizado com o objectivo de proximidade ou o acesso a uma determinada figura materna, sendo que é necessário o desenvolvimento da capacidade cognitiva da criança de modo a manter a representação da mãe na sua memória quando esta não está presente, esta capacidade desenvolve-se durante o primeiro ano de vida do sujeito (Bowlby, 1989). A partir do terceiro ano ocorre uma das principais mudanças, uma vez que a maior parte das crianças torna-se mais aptas e sentem-se mais seguras com figuras substitutivas de vinculação, como por exemplo a professora ou outras pessoas da família quando estão num lugar estranho (Bowlby, 1984).

Assim, ao longo do primeiro ano de vida do bebé os comportamentos constituem-se em sequências comportamentais tornando-se mais complexas dando origem a um sistema comportamental de vinculação. Este constitui-se assim por um número de respostas instintivas que inicialmente são independentes entre si e têm como função ligar a criança à mãe, no entanto no decorrer do desenvolvimento normal estão interligadas e localizadas a uma única figura de vinculação constituindo-se assim a relação de vinculação (Figueiredo, 2003).

A exibição destes comportamentos pela maior parte das crianças constitui-se de um modo vigoroso e regular até essencialmente ao final do terceiro ano de vida do sujeito (Bowlby, 1984). Refere ainda, que o tipo de experiências que o sujeito estabeleceu nas primeiras vinculações, bem como o tipo de competência que alcançou ao aperceber-se dos objectivos orientados por outra pessoa, ou seja tentado que exista uma harmonia com os seus próprios objectivo possibilitará de uma forma quase determinista uma relação com sucesso, permitindo assim manter a proximidade e comunicar com novos objectos de vinculação (Bowlby, 1990).

Ainsworth, com metodologia inovadora não só tornou possível testar algumas ideias empiricamente de Bowlby como também contribuiu para o desenvolvimento da teoria da vinculação como os conceitos de figura de vinculação e de base segura a partir do qual a criança explora o mundo (Bretherton, 1992). Nesta medida, nos seus estudos salienta a

importância do conceito de segurança na interação mãe-bebé, bem como destaca a qualidade da relação criada entre a figura materna e a criança. Introduz ainda, o conceito de sensibilidade materna perante os sinais da criança de procura de proximidade (Rocha, et al., 2011).

Deste modo, o melhor indicador que expressa a sensibilidade materna diz respeito á qualidade da interação mãe-filho, uma vez que é importante que as respostas da mãe se constituam apropriadas à situação e às comunicações do bebé. Assim, as mães sensíveis geralmente são mais acessíveis e conscientes nas suas comunicações, desejos e mostram empatia para com os seus filhos. Por outro lado, as mães com menor sensibilidade não estão consciente da maior parte dos comportamentos dos filhos, habitualmente não responde de forma apropriada, podem ter percepções um pouco melhoradas da actividade e da disposição do seu filho, no entanto podem ser incapazes de ter empatia (Ainsworth, Bell & Stayton, 1983).

Outro conceito importante na teoria da vinculação diz respeito ao fenómeno de base segura desenvolvido por Ainsworth, colocando em evidência a relação dinâmica entre o sistema de vinculação e o sistema de exploração (Silva et al., 2008). Assim, este conceito permite que a criança organize o seu comportamento de vinculação em torno da figura de vinculação, usando-a como base segura para explorar o meio onde é possível sempre regressar em situações de *stress* (Silva, et al., 2008).

A partir da noção de base segura, Ainsworth desenvolveu um procedimento de avaliação experimental- Situação Estranha. Permite avaliar o relacionamento mãe-bebé, sendo composto por episódios de 20 minutos de reunião e de separação que consiste na observação das capacidades de exploração da criança, em três momentos: primeiro a mãe brinca com a criança na sala, depois entra uma figura do género feminino que brinca com a criança e a mãe sai da sala ocorrendo a separação, por fim regressa a mãe e figura estranha ocorrendo a reunião com a figura de vinculação (Bretherton, 1992). Nesta medida, a mãe e criança são observadas na sua interação durante estes episódios em que algumas crianças demonstram alguma desorientação e desorganização (Bowlby, 1989). Desta forma, verifica-se uma criança saudável sente-se segura para explorar o mundo quando percebe que os seus cuidadores estão acessíveis e receptivos quando solicitados, sendo que inicialmente estas explorações estão limitadas a um tempo e espaço. Assim, a criança por volta do terceiro ano de vida começa a tornar-se mais confiante aumentando o tempo e a distância de exploração (Bowlby, 1989).

Ainsworth a partir de alguns comportamentos observados na interação mãe-criança, surge assim três padrões de vinculação. Na vinculação segura os bebês/crianças são capazes de explorar o meio e procuram o conforto e protecção quando confrontadas com situação ameaçadora e verifica-se por parte da figura de vinculação disponibilidade para satisfazer as necessidades da criança, este padrão de vinculação é considerado como o mais frequente e normativo. Na vinculação insegura de evitamento os bebês/crianças parecem evitar ou ignorar a figura de vinculação onde em momentos *stressantes* tende a ser insensível e/ou rejeita as tentativas de contacto e aproximação. A vinculação insegura ambivalente, ou ansiosa corresponde a bebês/crianças que oscilam entre movimentos de aproximação e evitamento da figura de vinculação devido à incoerência das suas atitudes, impossibilitando o bebê de prever a sua reacção (Machado, 2009).

É importante salientar que segundo Bowlby (1989) quando um indivíduo independentemente da idade sente-se seguro tende a explorar aumentando a distância da sua figura de vinculação, sendo que quando está mais cansado ou sente-se mal, sente a necessidade da urgência da proximidade desta figura. Desta forma, a mãe de uma criança considerada como figura de vinculação segura é percebida como atenta e sensível às necessidades da criança, oferecendo respostas tanto ao nível dos sucessos como aquando das dificuldades da criança, mostrando-se amiga e encorajadora. Por outro lado, quando a mãe de uma criança é considerada como uma figura de vinculação insegura é percebida como menos atenta e sensível às necessidades apresentadas pela criança, oferecendo respostas fora do tempo ou desnecessárias, demonstrando pouco conhecimento do que a criança está a fazer ou a sentir e ainda em alguns casos desencorajar ou rejeitar os pedidos de ajuda e conforto da criança (Bowlby, 1989).

1.2 Modelos internos dinâmicos

As relações que se criam desde o nascimento potenciam o desenvolvimento socio-emocionais do sujeito como também possibilita o desenvolvimento de modelos internos dinâmicos. De acordo com Eells (2001) a teoria da vinculação de Bowlby tem por base os laços afectivos que são criados entre os sujeitos e os padrões de interação entre os cuidadores e as crianças inicialmente estabelecidos, que possibilitará a construção de modelos internos que orientam as expectativas dos sujeitos bem como os comportamentos nas relações futuras. Bowlby na sua concepção defende que “*o mundo interno da criança começa a desenvolver-se*

com a construção dos modelos internos dinâmicos das figuras de vinculação” (Silva, et al., 2008, p. 411-412).

As representações mentais do mundo e de si, a criança vai construindo através da qualidade do cuidado que a figura de vinculação disponibiliza à criança, como também das experiências que partilham desde o nascimento. Assim, a criança tem a capacidade de utilizar a relação de vinculação como um modelo de funcionamento interno, servindo de base para as restantes interações (Silva et al., 2008).

É ainda importante salientar a qualidade da vinculação durante os primeiros anos de vida depende de alguns sinais exteriores como a proximidade, responsividade e bem como a disponibilidade da figura de vinculação (Silva, et al., 2008). Deste modo, para o desenvolvimento precoce dos modelos internos é muito importante a qualidade da relação da criança com a figura de vinculação, pois é através desta qualidade do cuidado da figura de vinculação que possibilita a criança a construção das suas representações mentais. No entanto é importante referir que estes modelos internos são dinâmicos e por este facto estão abertos á mudança (Silva et al., 2008).

Neste sentido, Bowlby defende que as experiências vivenciadas durante a infância com a figura de vinculação, sendo marcada pela responsividade, acessibilidade como a sensibilidade existe a possibilidade da criança construir um modelo da figura de vinculação como sendo responsiva e acessível e por este facto poderá desenvolver um modelo de *self* valorizado ou merecedor dos afectos e cuidados. Por outro lado, se a criança experienciar vivências mais frustrantes que envolvem rejeição ou insensibilidade, possivelmente a construção de modelos internos será negativa da figura de vinculação bem como do *self* (Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos, & Fernandes, 2008).

Segundo Bowlby (1982) existe uma complexificação dos modelos internos do *self* e da mãe ao terceiro ano da criança que resulta da aquisição de novas competências cognitivas e comunicativas. Desta forma, os modelos internos ao longo do ciclo de vida podem ser construídos, reconstruídos e activados, tendo assim estes uma influência determinante nas escolhas pessoais do sujeito (Rocha, et al., 2011).

Assim, tem-se verificado que o modelo que o indivíduo desenvolve durante a primeira infância e adolescência é extremamente influenciado pela forma como as suas figuras parentais o tratam (Bowlby, 1989). No entanto, os modelos internos dinâmicos ao longo do ciclo de vida, vão sendo construídos, reconstruídos e activados, constituindo-se como uma influência decisiva nas escolhas pessoais do sujeito (Rocha, et al., 2011). A medida que a

criança se desenvolve, o modelo vai tornando-se cada vez mais uma propriedade da criança, levando a impô-lo ou modificando-o aquando do estabelecimento das novas relações, como com outra figura de vinculação, professora ou terapeuta da criança. Desta forma, o modelo que a criança constrói de si mesma, reflecte a imagem que as figuras parentais constituíram sobre si, não só pela forma como a tratam mas também pela maneira que cada um fala sobre ela. Assim, é de constatar que durante os primeiros anos de vida do sujeito, o modelo do *self* em interacção com a figura materna exerce uma enorme influência (Bowlby, 1989).

É importante ainda salientar que “*as características iniciais de um bebé podem influenciar o modo como a mãe cuida dele, também as características iniciais da mãe podem influenciar o modo como o bebé lhe responde*” (Bowlby, 1984, p. 363). Deste modo, a interacção da mãe com a criança é muito mais complexa, uma vez que não deriva não só da sua capacidade inata como também de uma longa história de relações interpessoais na sua família de origem, bem como da absorção dos valores e práticas inerentes da sua cultura (Bowlby, 1984). A relação de vinculação constitui-se assim, como uma relação importante para o desenvolvimento dos modelos internos do sujeito, sendo o objectivo final desta relação prende-se com o contacto e da proximidade que é estabelecida bem como a disponibilidade da figura de vinculação, na medida em que responde aos sinais e a comunicação da criança (Bowlby, 1984).

Assim, de acordo com Ackerman e Dozier (2005), se uma criança é respondida pelo seu cuidador de forma amorosa e sensível, a criança é mais propensa a desenvolver um *self* amável e digno de atenção. Por outro lado, se as experiencias precoces forem de abandono, maus tratos ou que a prestação de cuidados esteja comprometida, nesta medida as crianças podem estar em risco de desenvolver uma representação do *self* negativa (Ackerman & Dozier, 2005). Desta forma, as crianças que experienciaram cuidados disruptivos podem desenvolver uma representação do *self* e estratégias de *coping* pouco adaptadas quando colocadas com os cuidadores que não investiram emocionalmente nas crianças.

De acordo com a teoria da vinculação os diferentes comportamentos da mãe quer do pai podem ter os mesmos objectivos, na medida que respondem de uma forma adequada às necessidades da criança, sendo que os comportamentos para a mesma figura podem ser diferentes de acordo contextos e situações, contudo para as crianças os resultados são os mesmos (Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos, & Fernandes, 2008). Neste sentido, a mãe é frequentemente considerada a figura de vinculação, mas o pai é considerado como um

companheiro de brincadeira através do qual as crianças desencadeiam comportamento de carácter mais afiliativo, no entanto desempenha um papel importante ao nível do suporte financeiro e de apoio emocional em relação à mãe possibilitando assim a manutenção de um clima mais harmonioso e favorável ao desenvolvimento do bebé (Bowlby, 2002).

Assim, expectativas de confiança por parte da criança precisamente entende-se como a vinculação segura, permitindo ter essa mesma confiança para explorar o ambiente e ter alguma capacidade de resolução quando esta angustiado (Sroufe, 2000). Desta forma, a experiência inicial de relacionamentos é importante, na medida que constituem-se como o primeiro modelo de padrões de auto-regulação. As crianças ao estabelecerem relações de cuidados em que a angústia é habitualmente seguida de recuperação, este comportamento pode permanecer organizado face a uma forte emoção, sendo que as experiências positivas são partilhadas e os cuidadores têm um papel central neste aspecto. Desta maneira, de forma complementar os sujeitos acreditam na sua eficácia na manutenção da regulação pois as suas necessidades são habitualmente atendidas, na sua auto-estima. Assim, as expectativas positivas em relação aos outros e a conexão com eles, bem como auto-confiança e auto-estima são o resultado de uma experiência habitual de cuidado responsivo (Sroufe, 2000).

A qualidade da relação que se estabelece com as figuras parentais segundo a teoria da vinculação constitui-se como essencial na forma como o sujeito se percebe a si como aos outros, na medida que a qualidade dos laços que são criados precocemente contribui para o desenvolvimento da auto-estima (Rocha, et al., 2011). Assim, segundo Machado, (2009) “*o modelo interno de si-mesmo (self) reflete o sentimento interior que o sujeito construiu de ser amado, cuidado e compreendido; ou, ignorado, negligenciado, incompreendido, consoante se desenvolva uma vinculação segura ou insegura*” (p. 9). De uma forma geral a figura de vinculação tem um papel importante na regulação de emoções, uma vez que as crianças anseiam partilhar experiências afectivas com os seus cuidadores e procurando consolo e suporte quando se sentem ameaçados ou em situações de *stress* (Sroufe, 2000).

Torna-se assim essencial compreender a forma como o sujeito se percebe a si e aos outros, sendo que alguns estudos têm demonstrado que a imagem que os adolescentes constroem de si e dos outros, sendo que a qualidade da relação com figuras significativas principalmente a figura materna desempenha um papel fundamental para a aquisição da auto-estima (Rocha, et al., 2011). Assim, a internalização de modelos positivos da parte dos cuidadores bem como a utilização como base segura através do qual consegue explorar o

mundo como a si próprio, estes aspectos mostram ser factores de protecção da auto-estima principalmente na adolescência (Rocha, et al., 2011).

1.3 Construção do *Self*: Autoconceito e Autoestima

A imagem que o sujeito constrói acerca de si construi-se como um aspecto essencial para o seu desenvolvimento socio-emocional, uma vez terá implicações no modo como se relaciona com os outros e com si mesmo. Desta forma, o auto-conceito ou o sentido de *self*, entende-se como a imagem que o sujeito tem acerca de si próprio bem como aquilo que o sujeito acredita ser (Emídio et al., 2008). De acordo com Custódio & Mata, (2012) não existe uma definição única referente ao conceito, uma vez que este destaca-se por ser um constructo multidimensional, hierárquico e completo, na medida que envolve diversos elementos, características como também dimensões do *self*.

É importante salientar que ao longo do tempo o *self* vai-se desenvolvendo, também o autoconceito e auto-estima vão sofrendo algumas alterações quer através das interações com o meio envolvente onde está inserida a criança, como também bem pelo próprio desenvolvimento da criança (Emídio, Santos, Maia, Monteiro, & Veríssimo, 2008). Segundo Harter, (1999) o sentido do *self* a sua construção é fundamentalmente a partir das interações sociais, com base nas experiências das crianças com outros significativos como os pais, professores, amigos, no qual resulta a interiorização da avaliação de outros significativos.

De acordo com Leary, Tambor, Terdal, Downs, (1995) embora algumas pessoas possam ser caracterizadas como tendo nível médio de auto-estima sobre algumas situações e tempo (designado por traço de auto-estima), inevitavelmente a auto-estima oscila como as pessoas se movem perante a sua vida diária (designada por estado de auto-estima). Assim, as crianças através do seu comportamento colocam em prática a sua expectativa face à relação com os outros, como também provavelmente face às suas expectativas. Desta forma, a relação com os pares influencia a percepção do *self* especialmente pela auto-percepção da aceitação pelos pares, podendo constituir-se como um risco ou protecção do desenvolvimento do sujeito (Emídio et al., 2008). Por outro lado, as crianças que vivenciam uma relação com os seus cuidadores de suporte concebem um modelo interno do *self* em que sentem merecedoras de suporte e amor, como também sentem-se competentes e motivadas reflectindo-se nas relações com os seus pares (Emídio et al., 2008).

Desta forma, também o estado emocional da mãe interfere na relação entre mãe-criança, uma vez que quando as mães estão mais *stressadas* ou depressivas podem resultar em interações aversivas que contribuem para denegrir a descrição do *self* das crianças (Goodvin, Meyer, Thompson, & Hayes, 2008). Neste sentido, o sujeito ao formar auto-percepções/avaliações positivas existe uma influência na noção das características e domínios do *self*, que determina o sentimento em relação a si próprio e permitindo orientar as suas acções no meio onde está inserido bem como com os outros (Emídio et al., 2008).

Assim, a família constitui-se como um contexto essencial no desenvolvimento das crianças, uma vez que as famílias que estabelecem relações mais harmoniosas com as crianças são descritas como mais aventureiras. Por outro lado, as famílias que são caracterizadas por níveis elevados de desacordo é mais provável que as crianças as vejam com mais receio e como menos agradáveis (Brown, Mangelsdorf, Neff, Schoppe-Sullivan, & Frosch, 2009).

Segundo Emídio et al., (2008) verificaram também, que quanto maior o suporte materno as crianças sentem-se mais disponíveis, capazes e confiantes de modo a tomar conhecimento do que oferece o seu meio circundante, ao contrário das crianças com menor suporte materno em que a família funciona como um “guia cognitivo” Desta forma, Emídio et al., (2008) referem que “*contexto relacional é um factor preponderante enquanto guia do comportamento social da criança, e na emergência do conceito e sentido do self*”(p. 499).

Assim, Crocker e Wolfe (2001) defendem que a auto-estima constitui-se como um aspecto central da experiência subjectiva e da qualidade de vida dos sujeitos, sendo que o interesse neste constructo tem sido fomentado pela sugestão que a baixa auto-estima poderá causar problemas sociais e que a elevada auto-estima poderá ajudar na resolução desses problemas. Gauze, Bukowski, Aquan-Assee, & Sippola, (1996) demonstraram que a amizade pode ajudar a criança a compensar as vulnerabilidades e tensões que possam surgir em particular nos ambientes familiares. Desta forma, as crianças criadas num ideal ambiente familiar parecem demonstrar adequados níveis de ajustamento independentemente da qualidade e nível de reciprocidade nas suas relações de amizade. As crianças de famílias adaptadas parecem estar menos afectadas com as mudanças no domínio da amizade, pois têm uma maior probabilidade de ter uma consciente e positiva experiência emocional durante a adolescência (Gauze et al., 1996).

De acordo com Goodvin, et al. (2008), a constituição de uma vinculação segura é importante para a concepção do *self* positiva e a sua consistência ao longo do tempo. Deste

modo é importante referir que o pré-escolar constitui-se como um período essencial para o desenvolvimento da concepção do *self*, sendo um período em que os modelos internos do *self* se desenvolvem e se consolidam (Goodvin, et al. 2008). No entanto, no período do pré-escolar não encontraram diferenças significativas relativamente à idade na representação do *self* e autoestima nas crianças (Ackerman e Dozier, 2005).

Assim, algumas investigações têm analisado a representação de vinculação e do *self* no pré-escolar tendo verificado a existência de uma relação positiva no desenvolvimento da criança (Pinto, Veríssimo, Gatinho, Santos, & Vaughn, 2015; Cassidy, 1988; Verschueren & Marcoen, 1999; Goodvin, et al., 2008; Clark & Symons, 2000). No entanto, poucos estudos têm abordado a vinculação e a construção do *self* no período da pré-adolescência, sendo este um período marcado por uma transição da infância para a adolescência caracterizada por uma fase de grandes alterações ao nível da construção do *self* (Cole & Cole, 2004).

1.4 Pré-adolescência e Vinculação

A pré-adolescência é marcada por uma transição da primeira infância para a segunda infância constituindo-se uma mudança biossociocomportamental, uma vez que existem mudanças ao nível do domínio social, comportamental e biológico. Uma das mudanças com maior relevo é no domínio social com a ascensão do grupo de pares como um contexto importante de desenvolvimento, sendo que pela primeira vez as crianças sentem a necessidade de definir o seu *status* dentro de um grupo semelhante mas sem a intervenção dos cuidadores (Cole & Cole, 2004). Deste modo, as interações com os pares também proporciona um contexto essencial a partir dos quais as crianças chegam a uma nova percepção mais global e complexa de si, sendo assim o grupo de pares fundamental para o seu desenvolvimento (Cole & Cole, 2004).

Assim, a partir do momento que a criança começa a relacionar-se com o seu grupo de pares, o seu relacionamento com os pais vão sofrendo alterações na medida que os pais vão tornando-se mais exigentes. Desta forma, à medida que as crianças vão crescendo, vão-se tornando mais responsáveis por si mesmas, sendo que os pais ao conversar com os filhos tentam influenciar o seu comportamento apelando para a auto-estima ou para despertar o seu senso de humor e ainda o seu sentimento de culpa. Neste sentido, é desenvolvido a responsabilidade de co-regulação em que é baseada na cooperação entre pais e filhos onde

requer uma monitorização e apoio aos filhos quando não estão presentes adultos e assim o tempo que estão juntos permite reforçar o entendimento dos filhos acerca do que é certo/errado ou seguro/inseguro (Cole & Cole, 2004).

No entanto, na pré-adolescência não existe um declínio da percepção de segurança das figuras parentais (Verschueren & Marcoen, 2005). Assim, neste período continua a ser essencial a existência de figuras de vinculação (Allen, 2008), ou seja existe uma mudança em relação ao uso das mesmas em que deixa de lhes ser pedido proximidade, passa-lhes a ser pedido que estejam disponíveis (Ainsworth, 1989).

É importante salientar que às crianças quando entram na pré-adolescência nem todos os pais respondem da mesma forma, o que sugere que as características individuais dos pais podem ter influência nas suas respostas comportamentais (Richardson, 2005). Desta forma, as práticas parentais que destacam a aceitação das crianças, os limites visivelmente definidos e respeito pela sua individualidade constituem-se como práticas com maior probabilidade de originar uma consistente sensação de auto-valorização (Cole & Cole, 2004).

Assim, as crianças que se sentem valorizadas poderão exercer a exploração necessária para o desenvolvimento das suas capacidades. Desta forma, a sua auto-estima e a percepção de auto-eficácia para a representação de competência deverá ser elevada, uma vez que as crianças que desenvolveram mutuamente uma relação positiva com as suas mães, a sua auto-eficácia relativo aos seus comportamentos também deverá ser elevada (Cooper, Pauletti, Tobin, Menon, Menon, Spatta, & Perry, 2013). Neste sentido, as crianças devem ter expectativas positivas para futuras relações com os outros como o grupo de pares que habitualmente são do mesmo sexo, e devem procurar formas de se adaptar aos outros, podendo ser bem-sucedidas no seu esforço. Da mesma forma que as crianças seguras aprenderam a ser respeitadas e amadas pelas suas qualidades únicas, permitido individualizar-se de modo a ser diferente dos outros do grupo de pares do mesmo sexo, do mesmo modo são semelhantes a eles em certos aspectos. Por outro lado, também as crianças seguras conseguem lidar com os desafios inerentes da identidade ou com aspectos *stressantes*, uma vez que quando estavam chateadas internalizaram e conseguem administrar os seus recursos que receberam através da relação com a sua mãe (Cooper et al., 2013).

Assim, a inexistência de uma parentalidade sensível e de suporte pode estar associada a mais comportamentos disruptivos na criança, sendo que as dificuldades emocionais e comportamentais na criança também podem interferir com a capacidade de sensibilidade e de

suporte dos pais que por sua vez poderá levar a maior problemas de comportamento (Wang, Christ, Mills-Koonce, Garrett-Peters, & Cox, 2013). Ainda, verificaram na sua investigação a existência de uma ligação entre a sensibilidade materna e os comportamentos de externalização das crianças ao longo do tempo. Deste modo, a diminuição dos comportamentos externalizados nas crianças em torno dos 10 anos pode estar relacionado com a existência de factores stressantes adicionais que a criança esta a experimentar com a transição para a puberdade. Deste modo, verifica-se entre os 4 e 11 anos encontraram efeito da criança na sensibilidade materna, mas não encontraram um efeito na sensibilidade materna nas dificuldades de comportamento das crianças (Wang et al., 2013). Assim, Cooper, et al., (2013) sugerem a importância de estudar sobre o impacto das relações pais-filhos sobre o desenvolvimento das crianças na sua identidade colectiva.

Desta forma, torna-se importante perceber o impacto das relações com as figuras mais significativas para a criança de modo a compreender qual a influência na construção do *self*, bem como a forma como a criança valoriza o seu *self*. Assim, o sistema de vinculação pais-criança mostra-se relevante para o desenvolvimento, sendo que uma relação segura a criança desenvolve uma confiança relativa aos pais e conforto eficaz bem como um porto seguro na iminência de *stress* ou ameaça. Deste modo, na ausência de *stress*, as figuras parentais constituem-se como base segura como forma da criança explorar o mundo (Kim, Boldt, & Kochanska, 2015). No entanto, pela inexistência de estudos acerca das diferenças mãe-criança e pai-criança no meio da infância, mais dados serão necessários para compreender estes padrões de comportamentos nesta faixa etária (Kim et al., 2015).

Na transição da infância para adolescência a relação como os pares constituem-se como um contexto importante no desenvolvimento do *self* no que diz respeito ao desenvolvimento socio-emocional. Embora as relações familiares constituem-se como um importante ambiente de desenvolvimento, no entanto também as características das crianças como atracção física, temperamento ou factores ecológico como o contexto escolar pode explicar as diferenças individuais que surgem na relação com os pares (Kerns, Klepac & Cole, 1996). Apesar de os resultados demonstrarem alguma consistência no que diz respeito as relações de pares são moldadas pela experiencia das relações familiares, verificaram que também é possível as experiências como os pares mudar a natureza da relação criança-mãe (Kerns, et al. 1996). A parentalidade responsiva destaca-se como um precursor da vinculação segura, as crianças com vinculação segura podem ser mais responsivas com os seus pares do que as crianças com vinculação evitante ou ambivalente, deste modo este estilo de interacção

é internalizado e generalizado para a relação mãe-filho e para a relação com os pares (Kerns, et al., 1996).

CAPÍTULO 2 – OBJECTIVOS E PERTINÊNCIA

1.5 Objetivo, Hipóteses e Pertinência

Shaffer, (2005) refere que os pais podem desempenhar papel fundamental na modelação da auto-estima infantil, sendo que a sensibilidade dos pais no início da infância influencia a construção de modelos internos do *self* positivos ou negativos. Deste modo, Pinto et al., (2015) salientam a importância de usar mais avaliações da auto-estima para testar se a relação com cada figura parental tem diferentes influências no desenvolvimento nos modelos do *self* e auto-estima nas crianças.

De acordo com Kerns, Mathews, Koehn, Williams, & Siener-Ciesla, (2015) defendem que nas relações pais-criança, estes podem potenciar um suporte de porto seguro como um suporte de base segura, respondendo de forma sensível e imediata aos seus filhos, encorajando-os para a exploração, como por exemplo ao expressar confiança na criança. Neste sentido, verificaram que as crianças percebem as mães enquanto suporte de porto seguro e os pais enquanto suporte de base segura e ainda verificaram que ambos os pais são importantes figuras de vinculação ainda que com papéis complementares na vida criança.

Assim, seria importante analisar o suporte porto seguro bem como o suporte de base segura em diferentes famílias, como também perceber se existem diferenças na relação mãe-criança e pai-criança relacionado com as competências da criança como a auto-estima e autoconceito. Kerns et al., (2015) salienta a importância de compreender se o suporte de base segura está associado ao incentivo dos pais para promover sentimentos de auto-estima e autoconceito nas crianças.

Neste sentido, este estudo torna-se pertinente, uma vez que permite constatar que muitas investigações têm mostrado a existência de uma relação positiva entre a representação de vinculação e do *self* no pré-escolar (Pinto et al., 2015; Cassidy, 1988; Verschueren & Marcoen, 1999; Goodvin, et al., 2008; Clark & Symons, 2000). No entanto, poucos são os estudos que têm explorado a qualidade de vinculação e a construção do *self* durante o período

da pré-adolescência, sendo este um período marcado por grandes transformações físicas, sociais e psicológicas (Cole & Cole, 2004).

Por esta razão, este estudo tem como objectivo avaliar a qualidade de vinculação ao pai e mãe e a sua influência na auto-estima de crianças no período da pré-adolescência, uma vez que à medida que a criança vai crescendo e desenvolvendo capacidades cognitivas, podem desenvolver diferentes percepções de qualidade das suas relações de vinculação, ou seja, o desenvolvimento das representações de vinculação pode ser comparado com o desenvolvimento das representações do *self* (Richardson, 2005). Assim, quando a criança estabelece uma vinculação segura é importante para a concepção do *self* positivo bem como a sua consistência ao longo do tempo, desta forma a constituição de uma relação significativa influencia a concepção do *self* (Goodvin, et al.,2008).

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

3.1 Participantes

Neste estudo a amostra foi constituída por 176 crianças (93 raparigas, 82 rapazes) com idades compreendidas entre 10 e os 13 anos ($M=10,57$, $DP=0,58$), que frequentavam o 5º e 6º ano de escolaridade de instituição privada de ensino no Distrito de Lisboa. As mães tinham idades compreendidas entre 29 e 60 anos ($M=43,38$, $DP=4,27$) e os pais entre 29 e 68 anos ($M=45,51$ $DP=5,16$). Quanto ao estado civil dos pais 130 eram casados, 36 separados, 5 união de facto e 3 em outros.

Quanto às habilitações literárias, mães como pais apresentam uma formação ao nível do ensino superior, ensino secundário, sendo que estes dados foram recolhidos a partir de um questionário sociodemográfico que foi entregue pelos investigadores numa instituição privada de ensino do distrito de Lisboa.

3.2 Instrumentos

3.2.1 Perceived Competence Scale for Children

A Escala de Auto-conceito para pré-Adolescentes é constituída por várias sub-escalas separadas, sendo cada uma composta por 6 itens. De acordo com Susan Harter (1985), esta escala foi construída a partir da Perceived Competence Scale for Children (Harter 1982). Desta forma, a escala original é constituída por três subescalas com o objectivo de avaliar três domínios específicos do autoconceito e outra com o objectivo de avaliar a autoestima global. Neste sentido, nesta escala foram acrescentados dois domínios específicos, originado o *Self perception Profile* (Harter, 1985), sendo esta escala constituída por seis sub-escalas. Nesta versão foi acrescentado um conjunto de 10 itens com o objectivo de avaliar a importância atribuída a cada um dos domínios específicos apresentados. Segundo Alves-Martins et al, (1995) a adaptação portuguesa surge a partir desta última versão do *Self perception Profile* (Harter, 1985).

Assim, esta escala é constituída por seis subescalas tendo cinco domínio específicos do autoconceito e uma para avaliar a auto-estima, cada domínio apresentado nesta escala tem os seguintes conteúdos: a Competência Escolar em que todos os itens estão relacionados com

a escola e pretendem mostrar a forma como a criança se percebe quanto à sua performance escolar; a Aceitação Social tem como objectivo avaliar o grau de aceitação da criança pelos seus colegas; como é que ela se sente em termos de popularidade; a Competência Atlética diz respeito a todos os itens se referem ao modo como a criança se percebe ao nível das suas actividades desportivas ou jogos ao ar livre; a Aparência Física permite verificar o grau de satisfação da criança em relação ao seu aspecto, peso, tamanho, etc.; a Atitude Comportamental consiste na forma como a criança se sente em relação ao modo como age, se faz as coisas correctamente, se age de acordo com o que esperam dela, se evita problemas, etc. e por fim a auto-estima que pretende avaliar até que ponto a criança gosta dela enquanto pessoa, ou seja se está satisfeita com a sua forma de ser, consiste num julgamento global do seu valor, no entanto não constitui um domínio específico de competência.

Relativamente ao formato da escala, esta permite uma dupla opção, uma vez que cada item tem uma estrutura alternativa, possibilitando o sujeito escolher entre duas descrições de sujeitos com qual se identifica mais (*“sou tal e qual assim”* ou *“sou um bocadinho assim”*). Segundo Alves-Martins et al, (1995) relativamente à consistência interna da escala obteve um coeficiente de .86 para a totalidade da escala de auto-percepção. Quanto às diferentes subescalas obteve-se os seguintes resultados relativamente à amostra geral: .72 competência escolar; .53 aceitação social; .70 competência atlética; .72 aparência física; .70 aspectos comportamento; .65 autoestima global.

3.2.2 Security Scale

A Escala de Segurança (Kerns et al., 2015) tem como objectivo avaliar as percepções de vinculação pais-criança, sendo composta por 15 itens que avalia o suporte de porto seguro em relação ao pai e à mãe e ainda foram acrescentados 6 itens ao questionário original de modo a avaliar o suporte de base segura. Para cada questão é apresentada a criança dois tipos diferentes de criança, sendo que depois tem a possibilidade de escolher com qual ele ou ela é mais parecida (*“algumas crianças desejam que a sua mãe as ajude mais com os seus problemas MAS outras crianças pensam que a sua mãe as ajuda o suficiente”*). Posteriormente na escala original cada criança deverá escolher para cada questão com qual das crianças é mais parecida, se são *“mais ou menos como”* ou *“realmente como”* cada criança.

Na nova versão da escala novas questões são apresentadas como (*“algumas crianças...outras crianças...”* como por exemplo *“algumas crianças sentem-se mais confiantes a tentar coisas novas depois falar com a sua mãe acerca disso, MAS Outras crianças não se sentem mais confiantes a tentar coisas novas depois de falar com a sua mãe acerca disso”*).

Relativamente à consistência interna a escala obteve um coeficiente para o porto seguro.⁸⁸ e para a base segura.⁷³ Neste sentido, de modo a validar esta escala para a população portuguesa está a decorrer neste momento um trabalho de investigação que permitirá a adaptação desta escala.

3.3 Procedimento

Este estudo foi constituído por uma amostragem por conveniência, visto que as escolas foram seleccionadas de acordo com a disponibilidade e acesso às mesmas. A amostra foi recolhida numa escola privada do distrito de Lisboa. Inicialmente foi ser estabelecido o contacto com o director da escola e posteriormente, foi marcada reuniões junto do mesmo para esclarecimento dos objectivos e dos procedimentos éticos do estudo e de que forma se pretende recolher a amostra, como também foi devidamente apresentados os questionários a utilizar na investigação. Uma vez obtida esta autorização por parte do director da escola, foram entregues os consentimentos aos respectivos directores de turma, ficando estes encarregues de entregar aos alunos para posteriormente entregarem aos pais. Foi então enviada uma carta aos pais com o consentimento informado esclarecendo os procedimentos éticos e os objectivos da investigação como também será referido que a participação dos filhos será voluntária, sendo-lhes garantido o anonimato e a confidencialidade das respostas.

Posteriormente procedeu-se à recolha dos dados, sendo que os instrumentos descritos neste estudo foram aplicados em grupo e em contexto de sala de aula, houve o cuidado de os dados serem recolhidos em aulas dedicadas à formação humana de modo a que não houvesse qualquer interferência com actividade escolar. Desta forma, os investigadores dirigiram-se às turmas onde primeiramente explicaram os objectivos da investigação, e as instruções de cada questionário bem como esclarecer as possíveis dúvidas dos alunos.

CAPÍTULO 4 – RESULTADOS

4.1 Análise dos Resultados

Após a fase de recolha de dados e seu respectivo tratamento, todos os dados foram introduzidos na base de dados do software SPSS. De seguida será apresentada uma análise da estatística descritiva, tendo sido calculada a média, desvio padrão ainda foi verificada a consistência interna para cada dimensão da PCSC e da SS.

No que se refere à consistência interna, podemos verificar na tabela 1, todas as dimensões do PCSC apresentam valores de alpha de Cronbach elevados, o que indica uma elevada consistência interna, com exceção da sub-escala auto-estima global e na aceitação social, cuja consistência interna é visivelmente mais baixa. Comparativamente à versão PCSC (Alves-Martins et al., 1995) adaptada para a população portuguesa, os valores obtidos, para a consistência interna, são mais elevados em todas as sub-escalas.

Por outro lado, a escala SS apresenta valores de alpha de Cronbach elevados, o que indica uma elevada consistência interna, com exceção da sub-escala base segura à mãe cuja consistência interna é visivelmente mais baixa. Quanto aos valores médios e desvio padrão das respostas das crianças para o pai e mãe, verifica-se que na sub-escala base segura à mãe ($M=24,46$; $D=.64$) apresenta valores ligeiramente superiores em relação à sub-escala base segura ao pai ($M=23,63$; $D=.74$). Já na sub-escala porto seguro à mãe apresenta uma média igualmente superior ($M=48,74$; $D=5,84$) comparativamente à sub-escala porto seguro ao pai ($M=45,18$; $D=7,45$). Assim, de uma forma geral verificou-se que as crianças apresentam médias superiores tanto no suporte de base segura como no suporte de porto seguro à mãe, comparativamente ao pai.

Tabela 1 – Estatística descritiva e fiabilidade do do *Perceived Competence Scale for Children e Security Scale*

	Média	Desvio Padrão	alpha
Competência escolar	17,11	4,13	0,84
Aceitação Social	18,84	3,47	0,74
Competência atlética	16,32	4,30	0.81
Aparência Física	18,98	4,14	0,80
Aspectos comport.	18,48	3,99	0,86
Auto-Estima Global	20,19	3,11	0,72
Base segura- Pai	23,63	3,58	.74
Base segura- Mãe	24,46	3,01	.64
Porto seguro- Pai	45,18	7,45	.83
Porto seguro- Mãe	48,74	5,84	.77

Posteriormente, foram analisadas as diferenças ao nível do género das crianças para cada dimensão da PCSC e SS.

Na tabela 2 permite-nos observar os valores médios e respectivos desvios-padrão das respostas das crianças para cada sub-escala da PCSC. Verificou-se que as raparigas apresentam médias mais elevadas na sub-escala aspectos do comportamento ($M=3,29$; $D=.61$) comparativamente aos rapazes ($M=2,85$; $D=.65$).

Assim, na análise de variância ANOVA, só se verificou uma diferença significativa na sub-escala aspectos do comportamento ($F(1, 173) = 21,09$; $p < 0,001$) entre raparigas e rapazes. Isto, revela que as raparigas tendem a perceber-se como mais comportadas do que os rapazes. Relativamente á escala SS, verificou-se que as raparigas apresentam médias superiores em relação ao suporte de base segura à mãe ($M=3,57$; $D=.43$) e o pai enquanto suporte de base segura ($M=3,43$; $D=.49$) quando comparadas com os rapazes. Igualmente verificou-se que as raparigas apresentaram médias superiores em relação ao suporte de porto seguro à mãe ($M=3,54$; $D=.41$) e o pai enquanto suporte de porto seguro ($M=3,30$; $D=.51$) quando comparadas com os rapazes.

Tabela 2 – Comparação entre médias de cada sub-escala da *Perceived Competence Scale for Children* e da *Security Scale* em função do género.

	Raparigas		Rapazes	
	M	DP	M	DP
Competência escolar	2,83	.67	2,86	.70
Aceitação Social	3,16	.56	3,10	.62
Competência atlética	2,67	.71	2,74	.74
Aparência Física	3,15	.69	3,20	.64
Aspectos comport.	3,29	.61	2,85	.65
Auto-Estima Global	3,39	.50	3,37	.48
Base segura- Mãe	3,57	,43	3,41	,40
Porto seguro- Mãe	3,54	,41	3,42	,39
Base segura- Pai	3,43	.49	3,30	,52
Porto seguro- Pai	3,30	,51	3,13	,54

Por último, foi realizado o teste estatístico de acordo com os objectivos e hipóteses em estudo, nomeadamente correlações de Pearson, que se pretende verificar se as dimensões da SS e PCSC estão correlacionadas.

No que diz respeito à tabela 3, podemos verificar a existência de uma relação moderada positiva entre as dimensões *base segura à mãe* e *base segura ao pai* ($r=.339$; $p \leq 0,01$), o que nos indica que quanto maior o suporte de base segura à mãe, maior o suporte de base segura ao pai. Igualmente, observa-se, a existência de uma relação moderada positiva entre as dimensões *porto seguro à mãe* e *porto seguro ao pai* ($r=.362$; $p \leq 0,01$), o que nos mostra que quanto maior o suporte de porto seguro à mãe, maior o suporte de porto seguro ao pai.

Tabela 3- Análise da correlação existente entre dimensões da escala *Security Scale*-SS.

	1.	2.	3.	4.
1. Base segura - Mãe		,734**	,339**	,348**
2. Porto seguro - Mãe			,256**	,362**
3. Base segura - Pai				,797**
4. Porto seguro - Pai				

****p ≤0,01; * p ≤0,05**

Como podemos observar na tabela 4, verifica-se a existência de uma relação moderada positiva entre as dimensões de *base segura à mãe* e a *auto-estima global* ($r=,303$; $p \leq 0,01$), indica-nos que quanto maior a percepção da criança do suporte de base segura em relação à mãe, maior a sua satisfação em relação a sua forma de ser. Podemos, ainda, verificar a existência de uma relação de uma relação fraca negativa entre as dimensões *base segura à mãe* e *competência atlética* ($r=-,016$; $p \leq 0,01$), indica-nos que quando maior a percepção de suporte de base segura em relação à mãe, menor a percepção das crianças da sua competência nas actividades desportivas. Ainda, podemos verificar a existência de uma relação fraca positiva entre as dimensões *porto seguro à mãe* e *aparência física* ($r=,289$; $p \leq 0,01$), o que nos indica que quanto maior a percepção de suporte de porto seguro em relação à mãe, maior o grau de satisfação das crianças em relação aos seu aspecto físico.

Podemos, referir, ainda, a existência de uma relação fraca positiva entre as dimensões *base segura ao pai* e *auto-estima global* ($r=,275$; $p \leq 0,01$), mostra-nos que quanto maior a percepção de base segura em relação ao pai, maior a sua satisfação em relação a sua forma de ser. Por último, podemos, ainda observar a existência de uma relação fraca positiva entre as dimensões *porto seguro ao pai* e a *competência escolar* ($r=,241$; $p \leq 0,01$), revela-nos que quanto maior a percepção de suporte de porto seguro em relação ao pai, maior a percepção da criança da sua performance escolar. Assim, pelos resultados aferidos anteriormente podemos observar que a base segura à mãe tem maior relação com auto-estima global ($r=,303$; $p \leq 0,01$), do que a base segura ao pai ($r=,275$; $p \leq 0,01$). De referir, igualmente, a dimensão o porto seguro à mãe tem maior relação com a auto-estima global ($r=,277$; $p \leq 0,01$), comparativamente ao porto seguro ao pai ($r=,230$; $p \leq 0,01$), assim, podemos observar que

quanto maior a percepção de suporte de base segura e de porto seguro em relação à mãe, maior a sua satisfação das crianças em relação a sua forma de ser.

Tabela 4- Análise da correlação existente entre dimensões da escala *Security Scale*-SS e as dimensões da *Perceived Competence Scale for Children*- PCSC.

	1.	2.	3.	4.	5.	6.
Base segura - Mãe	,223**	,218**	-,016	,255**	,272**	,303**
Porto seguro- Mãe	,232**	,264**	,098	,289**	,206**	,277**
Base segura - Pai	,269**	,090	,008	,163*	,199**	,275**
Porto seguro- Pai	,241**	,125	.087	,211**	,195**	,230**

**p ≤0,01; * p ≤0,05

CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO

Segundo a teoria da vinculação a qualidade da relação que se estabelece com as figuras parentais desempenha um aspecto essencial na forma como o sujeito se percebe a si como aos outros (Rocha, et al., 2011). Assim, este estudo teve como objectivo verificar a existência de uma relação entre a qualidade de vinculação à mãe e ao pai e o desenvolvimento da auto-estima e auto-conceito das crianças.

Neste estudo, analisou-se, as diferenças entre géneros nas dimensões do auto-conceito. Deste modo, não foram encontradas diferenças significativas entre raparigas e rapazes, com excepção na sub-escala aspectos do comportamento que verificou-se a existência uma diferença significativa na entre raparigas e rapazes, o que revela que as raparigas tendem a perceber-se como mais comportadas do que os rapazes. Assim, estudos anteriores (Clark & Symons, 2000) também evidenciam uma diferença entre género, onde se pode observar que as raparigas apresentam resultados superiores em relação aos rapazes na sub-escala aceitação social, no pré-escolar. O que nos mostra que a percepção das crianças vão sofrendo alterações, ou seja, a capacidade de pensamento abstracto faz com que as auto-descrições passem a integrar características mais gerais, baseadas na integração de aspectos comportamentais mais específicos, diversas investigações têm demonstrado que as auto-descrições dos adolescentes se tornam mais abstractas por comparação com as da infância. Deste modo, o auto-conceito depende do desenvolvimento cognitivo do sujeito, entre outros factores, pelo que é possível que com a idade, as concepções acerca de si próprio vão sofrendo alterações, tornando-se mais complexas, devido ao desenvolvimento das potencialidades cognitivas. Por esta razão, vão surgindo várias versões das escalas de auto-conceito e auto-estima, de forma a incorporar maior número de dimensões a avaliar (Peixoto, 2003).

Deste modo, através dos estudos apresentados podemos concluir que, no período da adolescência surgem auto-descrições mais abstractas baseadas em processos psicológicos como pensamentos emoções, motivações e atitudes, sendo este tipo de auto-relato mostra-se consistente com o avanço das operações formais identificadas por Piaget, permitindo à criança construir raciocínios mais abstractos bem como o desenvolvimento da capacidade introspectiva (Harter, 1999). É ainda, importante salientar que na transição da infância para adolescência a relação como os pares constituem-se como um contexto importante no desenvolvimento do *self* no que diz respeito ao desenvolvimento socio-emocional. Embora as

relações familiares constituem-se como um importante ambiente de desenvolvimento, no entanto também as características das crianças como atracção física, temperamento ou factores ecológico como o contexto escolar pode explicar as diferenças individuais que surgem na relação com os pares (Kerns, et. al, 1996). Deste modo, as interacções com os pares também proporciona um contexto essencial a partir dos quais as crianças chegam a uma nova percepção mais global e complexa de si, sendo assim o grupo de pares fundamental para o seu desenvolvimento (Cole & Cole, 2004). Assim, tanto factores de natureza social como cognitiva condicionam e ao mesmo tempo promovem o desenvolvimento das representações acerca do sujeito (Peixoto, 2003).

Analizou-se também as relações entre cada um dos domínios do auto-conceito e os tipos de suporte adoptados pelas figuras parentais. Deste modo, foi possível observar a existência de uma relação positiva entre os domínios do auto-conceito (aspecto do comportamento, aparência física aceitação social e competência escolar) e o suporte de base segura à mãe. Mostra-nos que o suporte de base segura em relação à mãe poderá influenciar a percepção das crianças quanto a sua competência escolar, física, social, e comportamental, com excepção a dimensão competência atlética. O que vai ao encontro com os estudos de Emídio e colaboradores (2008) verificaram também, que quanto maior o suporte materno as crianças sentem-se mais disponíveis, capazes e confiantes de modo a tomar conhecimento do que oferece o seu meio circundante, ao contrário das crianças com menor suporte materno em que a família funciona como um “guia cognitivo”. Igualmente, observa-se a existência de uma relação positiva entre as dimensões do auto-conceito (competência escolar, aceitação social, aparência física e aspecto do comportamento) e o porto seguro à mãe. O que nos indica quanto maior a percepção de porto seguro à mãe maior a percepção da criança quanto a sua competência escolar, física, social e de comportamento. Segundo, Kim et al., (2015) o sistema de vinculação pais-criança mostra-se relevante para o desenvolvimento, sendo que uma relação segura a criança desenvolve uma confiança relativa aos pais e conforto eficaz bem como um porto seguro na iminência de *stress* ou ameaça.

No que diz respeito ao tipo de suporte adoptado pelo pai e os domínios do auto-conceito, verificou-se que também observou-se a existência de relações positivas entre as dimensões de suporte de base segura e dimensões do auto-conceito (competência escolar, aparência física, e aspectos do comportamento), com excepção das dimensões aceitação e competência atlética que apresentando uma relação positiva mas muito fraca. Igualmente, verifica-se a existência de relações positivas entre o suporte de porto seguro ao pai e os domínios do auto-conceito

(competência escolar, aparência física, e aspectos do comportamento). Desta forma, os resultados mostram-nos o pai também é percebido como suporte de base segura e de porto seguro, que poderá influenciar as competências escolares, sociais, físicas e de comportamento das crianças. Assim, os resultados chamam a atenção para o papel do pai no desenvolvimento das crianças, uma vez que a sua participação nas actividades diárias das crianças, parece fortalecer a relação de base segura com o pai, mostrando que a experiência nos cuidados poderá facilitar a forma como os pais respondem e interpretam aos sinais das crianças (Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008). Por outro lado, a vinculação segura ao pai parece ajudar a criança no desenvolvimento das suas relações de amizade (Veríssimo, Santos, Vaughn, Torres, Monteiro, & Santos, 2011). Contudo, apesar de terem papéis diferenciados a relação de vinculação ao pai e mãe, continua a ser necessária a existência de figuras de vinculação (Allen, 2008), uma vez que na pré-adolescência não se verifica um declínio da percepção de segurança das figuras parentais (Verschueren & Marcoen, 2005).

No que diz respeito aos tipos de suporte adoptados pelos pais, os resultados do presente estudo não vão ao encontro dos estudos de Kerns et al., (2015), uma vez que estes autores verificaram que as crianças percebem as mães enquanto suporte de porto seguro e os pais enquanto suporte de base segura. O que diverge dos nossos estudos, uma vez que observámos que as crianças apresentam médias superiores tanto no suporte de base segura como no suporte de porto seguro à mãe, comparativamente ao pai. Segundo Kerns et al., (2015) os pais podem potenciar um suporte porto seguro como um suporte de base segura, respondendo de forma sensível e imediata aos seus filhos, encorajando os esforços para a exploração, como por exemplo ao expressar confiança na criança.

De um modo geral, os resultados obtidos, confirmam a hipótese inicial do estudo e vão no sentido dos estudos realizados anteriormente no período do pré-escolar (Pinto et al., 2015; Cassidy, 1988; Verschueren & Marcoen, 1999; Goodvin, et al., 2008; Clark & Symons, 2000), que nos mostram que a auto-estima está positivamente associada com a qualidade de vinculação à mãe e ao pai. Neste sentido, pelos resultados aferidos anteriormente podemos observar que o suporte de base segura à mãe tem maior relação com auto-estima global, comparativamente ao suporte de base segura ao pai. De referir, igualmente, a dimensão suporte de porto seguro à mãe tem maior relação com a auto-estima global comparativamente ao porto seguro ao pai. Assim, podemos observar que ambos os tipos suportes adoptados pelos pais vão na mesma direcção, o que sugere que poderá existir uma associação positiva entre a qualidade de vinculação e auto-estima das crianças. Deste modo, Booth-LaForce e

colaboradores, (2005) verificaram a existência de uma vinculação segura para ambas as figuras parentais, estando relacionada com a qualidade da amizade e auto-estima, sendo esta um mediador desta relação em ambos os casos. Já, no estudo longitudinal (Verschueren & Marcoen, 2005) verificaram que crianças mais velhas têm maior capacidade de diferenciação da qualidade da relação que têm com a sua mãe e com o seu pai.

A Teoria da Vinculação sugere que as representações que as crianças têm acerca da relação com as suas figuras de vinculação estão intimamente relacionadas com as suas representações do seu próprio *self* (Pinto, 2014). Deste modo, a qualidade dos laços que são criados precocemente contribui para o desenvolvimento da auto-estima (Rocha, Mota & Matos, 2011). Assim, na pré-adolescência (10-14 anos) continua a ser necessária a existência de figuras de vinculação (Allen, 2008), ou seja existe uma mudança em relação ao uso das mesmas em que deixa de ser pedido proximidade e passa a ser pedido que as figuras de vinculação estejam disponíveis (Ainsworth, 1989).

Assim, os resultados apontam para uma relação positiva entre a qualidade de vinculação ao pai e à mãe e a auto-estima das crianças, uma vez que os pais podem potenciar um suporte de base segura e porto seguro de modo a que a criança consiga explorar o mundo (Kerns et al., 2015). O que sugere que tanto a mãe como o pai podem promover o suporte de base segura e de porto seguro, tendo ambas as figuras parentais um papel fundamental no seu desenvolvimento, ainda que com papéis complementares na vida criança. No entanto, estes resultados não implicam valores preditivos, e por este facto não podemos estabelecer uma relação de causalidade linear, ou seja, não permitem afirmar que a qualidade da relação da vinculação à mãe e ao pai prediz auto-estima das crianças.

No entanto, este estudo apresenta algumas limitações, uma vez que se trata de uma amostra muito homogénea, pertencendo ao mesmo estatuto sociocultural, o que impossibilita a generalização dos resultados, neste sentido seria importante replicar o estudo para uma amostra maior e mais variada. Seria igualmente interessante, realizar um estudo de carácter longitudinal, onde fosse possível analisar a qualidade da relação de vinculação à mãe e ao pai e a auto-estima das crianças, durante o período da pré-adolescência. Seria ainda, interessante em estudos futuros replicar os resultados para uma amostra mais diversificada, expandindo a outras culturas e etnias, onde pudessem ser analisadas diversas associações entre a qualidade da relação de vinculação e auto-estima das crianças em diferentes famílias.

No período da pré-adolescência, poucos são os estudos que evidenciam a existência de uma relação positiva entre estas dimensões da auto-estima e do auto-conceito e a qualidade da vinculação com as figuras parentais, o que torna este estudo importante para o desenvolvimento de futuras investigações. Seria assim, interessante em investigações futuras analisar outras variáveis que pudessem estar também associadas, como a qualidade de vinculação das figuras parentais e as competências da criança, mais precisamente relacionadas com a auto-eficácia, ou seja seria interessante compreender se a qualidade da vinculação ao pai e à mãe poderá estar associada auto-eficácia das crianças nesta faixa etária. Como também seria pertinente compreender a influência que cada figura parental e os pares exercem no desenvolvimento sócio-emocional nas crianças nesta faixa etária. Assim, seria relevante explorar outros caminhos nesta área de investigação, utilizando metodologias mais complexas que acompanhassem os processos psicológicos inerentes à faixa etária em estudo. Desta forma, seria possível obter resultados mais consistentes de modo a desenvolver uma intervenção mais eficaz e adequada com as crianças e suas famílias.

A presente investigação demonstrou resultados importantes e destacou a necessidade do desenvolvimento de mais estudos nesta área, por isso constatámos que ainda existe um longo caminho a percorrer nesta área de estudo, na faixa etária que corresponde à pré-adolescência. Segundo, Raikes & Thompson, (2005) a pré- adolescência constitui-se como um dos períodos importantes e pouco explorado do desenvolvimento da vinculação segura. Sendo este um período marcado por grandes mudanças inerentes a representação do *self*, os pais continuam a ser figuras de referência no entanto os pares vão ganhando uma maior importância na medida que possibilitaram o desenvolvimento do sujeito (Crocker & Wolfe, 2001).

Assim, o presente estudo também chamou atenção para a qualidade de vinculação das figuras parentais, quanto à sua possível influência no desenvolvimento da auto-estima e auto-conceito. Apesar de terem sido encontradas diferenças em função do género das crianças no suporte adoptado pelos pais, não foram encontradas diferenças significativas no suporte mas sim semelhanças entre os pais e a auto-estima das crianças. O que sugere que tanto o pai como a mãe são figuras de referência, na medida que a construção do sentido do *self* constitui-se essencialmente a partir das interacções sociais, com base nas experiências das crianças com outros significativos como os pais, professores, amigos, no qual resulta a interiorização da

avaliação de outros significativos (Harter, 1999). Assim, a criança usa a figura de vinculação como base segura a partir do qual pode explorar o mundo e como porto seguro em momento de *stress*, permitindo assim o seu desenvolvimento (Seibert & Kerns, 2009).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Ackerman, J. P., & Dozier, M. (2005). The influence of foster parent investment on children's representations of *self* and attachment figures. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 26(5), 507-520.
- Ainsworth, M. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709–716. doi:10.1037/0003-066X.44.4.709.
- Ainsworth, M., Bell, S., & Stayton, D. (1983). Ligação mãe-filho e o desenvolvimento social: a socialização como um produto da resposta recíproca a sinais. In Richards, M. P., & da Silva, M. D. R. G. (Ed). *A integração da criança no mundo social*. (pp. 129-171). Lisboa: Horizonte.
- Allen, J. P. (2008). The attachment system in adolescence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 419–435). New York, NY: Guilford Press.
- Alves-Martins, M., Peixoto, F., Mata, L., & Monteiro, V. (1995). *Escala de auto-conceito para crianças e pré-adolescentes de Susan Harter*. In L. S. Almeida, M. R. Simões & M. M. Gonçalves (Eds.), *Provas psicológicas em Portugal*, (pp. 79-89). Braga: APPORT.
- Booth-LaForce, C., Rubin, K. H., Rose-Krasnor, L., & Burgess, K. B. (2005). Attachment and friendship predictors of psychosocial functioning in middle childhood and the mediating roles of social support and self-worth. In K.A. Kerns & R.A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp. 161-188). New York: Guilford Press.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. I. Attachment*. London: Hogarth
- Bowlby, J. (1984). *Apego*. Vol.1. São Paulo: Martins Fontes
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda: Vol 1*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (2002). *Cuidados Maternos e Saúde Mental* (4.^a Ed.). São Paulo: Martins Fontes.

- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental psychology*, 28(5), 759.
- Brown, G. L., Mangelsdorf, S. C., Neff, C., Schoppe-Sullivan, S. J., & Frosch, C. A. (2009). Young children's *self*-concepts: Associations with child temperament, mothers' and fathers' parenting, and triadic family interaction. *Merrill-Palmer quarterly (Wayne State University. Press)*, 55(2), 184.
- Cassidy, J. (1988). Child-mother attachment and the *self* in six-year-olds. *Child Development*, 59, 121-134.
- Cassidy, J., Kirsh, S. J., Scolton, K. L., & Parke, R. D. (1996). Attachment and representations of peer relationships. *Developmental Psychology*, 32(5), 892.
- Clark, S., & Symons, D. (2000). A longitudinal study of Q-sort attachment security and selfprocesses at age 5. *Infant and Child Development*, 9, 91-104
- Cole, M., & Cole, S. R. (2004). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed.
- Cooper, P. J., Pauletti, R. E., Tobin, D. D., Menon, M., Menon, M., Spatta, B. C. & Perry, D. G. (2013). Mother-child attachment and gender identity in preadolescence. *Sex roles*, 69(11-12), 618-631.
- Crocker, J., & Wolfe, C. T. (2001). Contingencies of self-worth. *Psychological review*, 108(3), 593.
- Custódio, L., & Mata, L. (2012). Autoconceito no pré-escolar: comparação das autopercepções das crianças e as heteropercepções dos pais e educadores. In L. Mata, F. Peixoto, J. Morgado, J. C. Silva, & V. Monteiro (Eds.), *Actas do 12º Colóquio de Psicologia e Educação* (pp. 521-535). Lisboa, PT: 12º Colóquio de Psicologia e Educação.
- Consultado a partir da fonte <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1605/1/CIPE%202012%20521-535.pdf>
- Eells, T. D. (2001). Attachment theory and psychotherapy research. *J Psychother Pract Res*, 10(2), 133.

- Emídio, R., Santos, A. J., Maia, J., Monteiro, L., & Veríssimo, M. (2008). Auto-conceito e aceitação pelos pares no final do período pré-escolar. *Análise psicológica*, 26 (3), 491-499.
- Figueiredo, B. (2003). Os primórdios da construção do próprio no contexto de interacção mãe-bebé. *Teoria, Investigação e Prática*, 2, 311-322.
- Gauze, C., Bukowski, W. M., Aquan-Assee, J., & Sippola, L. K. (1996). Interactions between family environment and friendship and associations with *self*-perceived well-being during early adolescence. *Child development*, 67 (5), 2201-2216.
- Goodvin, R., Meyer, S., Thompson, R. A., & Hayes, R. (2008). *Self*-understanding in early childhood: Associations with child attachment security and maternal negative affect. *Attachment & Human Development*, 10(4), 433-450.
- Groh, A. M., Fearon, R. P., Bakermans-Kranenburg, M. J., Van IJzendoorn, M. H., Steele, R. D., & Roisman, G. I. (2014). The significance of attachment security for children's social competence with peers: A meta-analytic study. *Attachment & human development*, 16(2), 103-136.
- Harter, S. (1982). The perceived competence scale for children. *Child development*, 87-97.
- Harter, S. (1985). *Self-perception profile for children:(revision of the perceived competence scale for children)*. Universidad de Denver.
- Harter, S. (1999). *The construction of the self: a developmental perspective*. New York: Guilford Press.
- Harter, S. (2012). *The construction of the self: Developmental and sociocultural foundations*. New York: Guilford Press.
- Kerns, K. A., Klepac, L., & Cole, A. (1996). Peer relationships and preadolescents' perceptions of security in the child-mother relationship. *Developmental psychology*, 32(3), 457.
- Kerns, K. A., Mathews, B. L., Koehn, A. J., Williams, C. T., & Siener-Ciesla, S. (2015). Assessing both safe haven and secure base support in parent-child relationships. *Attachment & human development*, 17(4), 337-353.

- Kim, S., Boldt, L. J., & Kochanska, G. (2015). From parent–child mutuality to security to socialization outcomes: developmental cascade toward positive adaptation in preadolescence. *Attachment & human development*, 17(5), 472-491.
- Leary, M. R., Tambor, E. S., Terdal, S. K., & Downs, D. L. (1995). *Self-esteem as an interpersonal monitor: The sociometer hypothesis*. *Journal of personality and social psychology*, 68(3), 518.
- Machado, T. S. (2009). Vinculação aos pais: retorno às origens. *Psicologia, Educação e Cultura*, XIII (1), 139-156.
- Maia, J., Ferreira, B., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Shin, N. (2008). Auto-conceito e representações da vinculação no período pré-escolar. *Análise Psicológica*, 26 (3), 423-433.
- Monteiro, L. M. S., Veríssimo, M., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Fernandes, M. (2008). Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: as relações Criança/Mãe e Criança/pai. *PSICOLOGIA, Vol. XXII (1)*, Edições Colibri, Lisboa, pp. 105-125.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em 578 famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 26(3), 395-409.
- Moura, O., & Matos, P. M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito interparental em adolescentes. *Psicologia*, 22(1), 127-152.
- Peixoto, F. (2003). *Auto-Estima, autoconceito e dinâmicas relacionais em contexto escolar*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia apresentada à Universidade do Minho, Braga.
- Pinto, A. (2014). *Desenvolvimento do self no período pré-escolar: A importância das relações de vinculação e com os pares*. Dissertação de Doutoramento apresentada no ISPA - Instituto Universitário, Lisboa.
- Pinto, A., Veríssimo, M., Gatinho, A., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2015). Direct and indirect relations between parent–child attachments, peer acceptance, and *self-esteem* for preschool children. *Attachment & human development*, 17(6), 586-598.
- Pinto, J. B. (1982). Sobre a concepção de vinculação. *Análise Psicológica* 1 /2 (III), 47-66.

- Raikes, H. A., & Thompson, R. A. (2005). Relationships Past, Present, and Future: Reflections on attachment in middle childhood. In K.A. Kerns & R.A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp. 255-279). New York: Guilford Press.
- Richardson, R. A. (2005). Developmental contextual considerations of parent-child attachment in the later middle childhood years. In K.A. Kerns & R.A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp. 24-45). New York: Guilford Press.
- Rocha, Mota & Matos, 2011, M., Mota, C. P., & Matos, P. M. (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: O papel mediador da auto-estima. *Análise psicológica*, 29(2), 185-200.
- Seibert, A. C., & Kerns, K. A. (2009). Attachment figures in middle childhood. *International Journal of Behavioral Development*, 1-9.
- Shaffer, D. R. (2005). *Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Silva, F., Fernandes, M., Veríssimo, M., Shin, N., Vaughn, B. E., & Bost, K. K. (2008). A concordância entre o comportamento de base segura com a mãe nos primeiros anos de vida e os modelos internos dinâmicos no pré-escolar. *Análise Psicológica*, 26 (3), 411-422.
- Sroufe, L. (2000). Early relationships and the development of children. *Infant Mental Health Journal*, 21, 67-74.
- Veríssimo, M., Santos, A. J., Vaughn, B. E., Torres, N., Monteiro, L., & Santos, O. (2011). Quality of attachment to father and mother and number of reciprocal friends. *Early Child Development and Care*, 181(1), 27-38.
- Verschueren, K., & Marcoen, A. (1999). Representation of *self* and socioemotional competence in kindergartners: Differential and combined effects of attachment to mother and to father. *Child Development*, 70, 183-201.
- Verschueren, K., & Marcoen, A. (2005). Perceived security of attachment to mother and father. Development differences and relations to self-worth and peer relationships at school. In K.A. Kerns & R.A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp. 71-88). New York: Guilford Press.

- Verschueren, K., Marcoen, A., & Schoefs, V. (1996). The internal working model of the *self*, attachment, and competence in five-year-olds. *Child development*, 2493-2511.
- Wang, F., Christ, S. L., Mills-Koonce, W. R., Garrett-Peters, P., & Cox, M. J. (2013). Association between maternal sensitivity and externalizing behavior from preschool to preadolescence. *Journal of applied developmental psychology*, 34(2), 89-100.